

**M**

emanuel

1

**A**

dimas

9

de

**Y**

melo

9

**A**

pimenta

8

também conferência em

**Perugia - Joseph Beuys**

Perugia, Italy, 1998

Maya

Emanuel Dimas de Melo Pimenta

**título: MAYA**

**autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta**

**ano: 1995**

**Filosofia, estética**

**editor: ASA Art and Technology UK Limited**

© Emanuel Dimas de Melo Pimenta

© ASA Art and Technology

**[www.asa-art.com](http://www.asa-art.com)**

**[www.emanuelpimenta.net](http://www.emanuelpimenta.net)**

*Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizada com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por quaisquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá ser sempre incluído.*

O objectivo último do Zen é aquilo que é conhecido como *Satori* em Japonês, e *Sambodhi* – ou *abhisamaya* em Sânscrito. Isto é: *iluminação*, como ensinava Daisetz Suzuki.

A palavra *abhisamaya* terá surgido da fusão dos termos Sânscritos *abhyasa* e *maya*. O primeiro designa aquilo que poderíamos dizer como *método*, *exercício*, *aplicação prática*.

*Maya*, tão frequente e vulgarmente usada no Ocidente, significa literalmente *aquela que mede*. A partícula *\*ma*, tem sua origem no Indo Europeu, e indicava os conceitos de *mãe*, de *matéria*, de *matriz*.

Essa partícula Indo Europeia também implicava a ideia de *energia criativa*, *impulso criativo* e, num certo sentido, também a noção de *descoberta*, de *insight*.

Vulgarmente traduzida por *ilusão*, o termo *maya* originalmente tem o significado de *energia criativa*. Apenas depois, alguns milhares de anos após a sua criação, com a tradição Vedanta, por volta do século VIII, é que *maya* passa a significar *ilusão*.

Mas há uma estreita ligação entre as duas significações – relançando-nos directamente à raiz Indo Europeia.

O que é aquilo que percebemos no tempo e no espaço senão pura *ilusão*?

Mas, para *percebermos* qualquer coisa é necessário existir o impulso da descoberta, sem o qual não há o maravilhamento.

Como não lembrar Sócrates ao defender que a base da filosofia é o maravilhamento?

Essa é a natureza primeira da criança, da invenção e da estética.

Assim, *abhisamaya*, ou *iluminação*, significa na sua essência *exercício do impulso criativo*.

Joseph Beuys percebeu que era isso o que acontecia.

Resgatou na *religião* dois elementos que revelariam a sua arte. Dois elementos formadores da própria ideia de *religião* – a antiga matriz Latina *religare* e a posterior expressão medieval *relegere*. Daquela, Beuys resgatou da Natureza, enquanto processo, a ideia de ilusão na percepção – palavra que surge do Latim *ludus*, e que significa etimologicamente *contra jogo* – mas também a ideia de *impulso criativo*.

É aqui que surge o conceito de Natureza ao nível antropológico. Uma volta pelo avesso através da própria cultura.

Com a segunda expressão Latina, *relegere*, Beuys se lançou ao método, ao exercício do *fazer*, da *acção*.

Um percurso que ilumina a natureza daquilo a que chamamos de *arte*, no final do segundo milénio.

A ilusão, o *contra jogo*, a crítica da cultura, estabelecida pelo maravilhamento da descoberta.

A obra de Beuys ultrapassa em muito a ideia de objecto, de evento fechado no tempo e no espaço.

Ela opera o processo enquanto uma complexa trama de relações.

Assim, ela se desmaterializa – mas, ultrapassando o nível da arte conceptual.

Não se trata de uma obra literária, no sentido de se estabelecer no universo simbólico, um universo de *conteúdos*, de *símbolos*.

Ela implica uma diferente estratégia de organização das coisas.

Ilusão e iluminação, maravilhamento e exercício do impulso criativo, *relegere* e *religere*.

E, como não pode estar presa no tempo e no espaço, ela já não pode ser mais exclusivamente Joseph Beuys, mas é um pouco de todos nós.

Toda essa viagem de pensamento – e todas essas ideias – poderia ser aplicada a qualquer grande artista Ocidental, de qualquer época, em qualquer lugar.

Por isso, trata-se de uma questão antropológica segundo a qual o impulso criativo nunca poderia ser propriedade exclusiva de alguém.

Tal como acontece com a música, pois os sons, como as ideias, não podem ser guardadas num cofre.

Beuys, como John Cage, como Satie ou como Merce Cunningham entre muitos outros, aproximaram arte e música, no caminho da *iluminação*.

Num antigo *koan* do século XII, Tai-Hui questionava apontando para uma pequena vareta de bambú: “*Se alguém disser que isto é uma vareta, será uma afirmação. Se se disser que não é uma vareta, será uma negação. Além da afirmação e da negação, como poderíamos chamar a isto?*”.

*Maya!*